



Instituto Internacional Casa de Mateus

pensarRe Portugal

Mateus 29, 30 de Abril e 1 de Maio 2011

Intervenção do Professor Eduardo Lourenço

transcrita por Teresa Albuquerque

Numa Europa de tipo feudal sem grandes potências dominantes, Portugal, um pequeno reino sem grande viabilidade, terá nascido por um acto de vontade de uma minoria, de uns senhores, em luta contra o Islão. Pela forma como nasceu Portugal definiu-se durante séculos como um País que subsiste porque deseja subsistir.

Hoje falamos de um Portugal nação, de um Portugal sociedade, de um Portugal que tem atrás de si uma data de história, mas na verdade o Portugal da primeira dinastia de Afonso Henriques, esses “portugais”, são propriedade da nobreza (ou inclusivamente da igreja), esses guerreiros conquistadores que vivem dessa posição de terem de conquistar, de terem justificar a sua própria existência pela própria conquista.

O que Portugal faz bastante rapidamente a ponto de ser a primeira nação europeia que ocupa um território que é ainda o que ocupa hoje. Mas o passado não garante nada. Se calhar o presente também não. A verdade é que a história, do Portugal tal como o conhecemos é uma espécie de milagre contínuo. Nós temos que saber que estamos sempre a ser confrontados com obstáculos, ou inimigos, adversários superiores à nossa capacidade de solucionar duradouramente o problema da nossa existência, persistência, soberania. E é verdade que de um certo modo o Agostinho [da Silva] tem razão em dizer que o acontecimento mais importante da história autónoma de Portugal é a batalha de Aljubarrota. É o momento em que um dos pequenos Estados peninsulares [ibéricos] afirma a sua capacidade de não ter sido nessa altura englobado num espaço maior que é o de Leão e Castela. Todavia esse momento que marca o começo da nossa entrada não na historia universal mas na história peninsular, na história europeia, como uma nação com que se deve contar no interior da península, vai conhecer nessa mesma dinastia um período extremamente glorioso que se termina abruptamente como se toda essa nossa capacidade de resistir ao inimigo mais próximo tivesse perdido a sua força quando esse adversário histórico se transforma de país mais ou menos com as mesmas características, capacidades económicas, guerreiras, etc, se transforma em Espanha.

Acontece que na nossa história conjunta de Portugal e de Espanha vai-se dar uma identidade, mesmo uma super-identidade a partir de aí, de fora para dentro. Nós nunca fomos mais Portugal do que quando estávamos na Índia, a Espanha nunca foi mais Espanha do que quando Cortès conquistou o México. Quando Cortès conquistou o México isso permite que Carlos V se torne o primeiro monarca da Europa que paga a sua eleição com ouro que vem do México, tal como nós éramos alguém quando transportávamos mercadorias do Oriente para Lisboa.

De repente o primeiro país europeu verdadeiramente europeu chama-se Portugal e não sei porque paradoxo estranho ou por que masoquismo sempre pensamos que a Europa são os outros. Sempre pensámos que eram os outros. Também eram os outros.

Se a Europa é esse continente que saiu de si próprio para impor aos outros as marcas várias das suas invenções, da sua superioridade relativa naquela época em espaços que não eram europeus, Portugal foi nação que [iniciou esse processo].

A história de Portugal tem qualquer coisa de louco, qualquer coisa de não pensável em termos habituais de relacionamento. Porque é inimaginável que um país que tinha 1,5 milhão de habitantes foi instalar-se em Goa e em Malaca. Não lembra o diabo. E isso desorbitou-nos para sempre.

Nós nunca mais ficámos bem porque tudo quanto é menos do que isso não nos interessa. Ainda por cima, para que não nos pudéssemos esquecer disso, houve um senhor, um poeta, que escreveu isso num livro e esse livro é o bilhete de identidade de Portugal chamado *Os Lusíadas*. Já passou, já foi há muito tempo mas nós passamos a nossa vida a recomemorar ou reinventar-nos em função disso : fizemos as nossas exposições sobre chegada a Índia, demos a uma ponte o nome de Vasco da Gama.

Curiosamente pensava que a pessoa mais conhecida lá fora seria o infante D. Henrique, é conhecido efectivamente, mas o Gama é muito conhecido. O Gama para nós é quase uma figura retórica como diria o Hermano José Saraiva, herói e tudo isso mas a mim pessoalmente o herói português preferido, para mim chama-se – não sei se por ser já um traidor meio estrangeirado – Fernando Magalhães. Um português ao serviço dos reis de Castela...

Isso quer dizer que a nossa história – nós estamos muito aflitos com este momento – mas a nossa verdade é que alternamos entre momentos de euforia e de desastres. Não somos os únicos. Alguém podia imaginar que o país mais brilhante da Europa, pelo menos para a minha geração, chamado França, um país que tinha – talvez lamentemente que não tivesse feito até ao fim – que já tinha feito a Europa e nos tinha poupado 200 anos de agonia se Waterloo não tivesse sido perdido, que numa semana desaparece do mapa e que é dominado pelo seu recente, na época, grande inimigo tradicional, o único adversário que a França teve : a Inglaterra e que num mês teve não uma Alcácer Quibir apenas, mas uma super Alcácer Quibir, e que esse país que

nós sempre considerámos como o país mais harmonioso da Europa, que o é a vários títulos, como sociedade, como exemplo, como projecto embora mais do que nacional, tivesse podido desaparecer do mapa... Tudo pode desaparecer do mapa.

De maneira que nós estamos agora nesta vertigem de podermos desaparecer, não é a primeira vez, toda a geração de setenta particularmente Eça de Queirós viveu até ao fim da sua vida com a obsessão que Portugal ia ser conquistado pelo seu vizinho espanhol, que já nos tinha conquistado de alguma maneira, mas eram outros tipos de conquistas naquelas épocas, eram as heranças de uns para outros entre as famílias... De maneira que não há garantias nenhuma. Tudo desaparece, não há garantias nenhuma. Mas no presente em que nós estamos esta espécie de poema de cantos alternados entre as glórias, as perdas e as possibilidades de desaparecimento. Não é por acaso que os portugueses vivem oscilando constantemente entre uma crença que o nosso pequeno país tem uma espécie de garantia de eternidade que lhe foi passada directamente pela providência e de desânimo total quando as coisas não correspondem àquilo que sonhávamos.

A batalha de Alcácer Quibir, é um exemplo que foi evocado aqui no pequeno grande texto que a Teresa Albuquerque leu do Almada Negreiros, ficou para nós como o desastre dos desastres. De repente o país no auge da sua glória pública exterior na Europa do tempo perde-se, num só dia, com armas e bagagens, da ordem política. Perde-se tudo quanto nós somos quer a título de nação quer de indivíduos. Isso está sempre presente não foi um acontecimento de um dia. Nesse capítulo funciona perfeitamente o livro famoso : o *Eterno Retorno* segundo Nietzsche, tudo está sempre presente, Alcácer Quibir está aqui conosco mas sem estar. Provavelmente nunca houve um acontecimento em que um país sofreu como se fosse uma morte pessoal uma perda como foi Alcácer Quibir.

Nós sabemos que o povo português, no sentido mais banal da palavra, foi um país de lágrimas por essa morte. Mas nós vivemos essas tristezas e essas nostalgias para ressuscitar depois delas. Temos uma capacidade de esquecimento extraordinária. Como se tivéssemos esse vector de esperança ou de inconsciência, não sei, que não permite dar, mesmo àquilo que é a evidência mais terrível, a morte, de lhe dar a última palavra. É um país extremamente crente apesar do seu pessimismo. Neste momento achei muito curioso que Jorge Vasconcelos tenha escrito o seu texto sobre as Maldivas evocando a possibilidade que Portugal fosse uma espécie de Maldivas da Europa. Só será assim para os nossos vizinhos espanhóis que vêm às nossas praias encontrar aqui algum exotismo.

Não creio que este momento tenha essa dramaticidade até porque nós, por mais descontentes que estejamos com o que se passa entre nós e a Europa, estamos convencidos que fizemos bem em entrar para a “Casa Europa” e sem a “Casa Europa” é que estaríamos provavelmente numa perspectiva que é melhor nem imaginar qual seria.

A não ser que tivéssemos feito uma outra escolha – sempre se pode fazer um outra escolha –, nós podíamos ter escolhido a Inglaterra. Que é uma boa escolha. São os únicos que se permitem ter estas festas, eles próprios, uma saudação como ninguém no mundo, nem sequer no passado jamais pode imaginar, que um povo inteiro se auto-glorificasse desta maneira, não foi só um acontecimento mundano, foi um acontecimento político, altamente simbólico [o casamento do príncipe inglês a 29/04/2011?]. É por isso que a Europa não se faz. A Europa não se faz como nós pensávamos porque a Inglaterra não deixa, não quer. Porque a Inglaterra é mais do que a Europa. Como nós, se fôssemos maiores, tínhamos feito exactamente a mesma coisa do que a Inglaterra. Provavelmente a nossa aliança mais extraordinária devia ter sido com a Inglaterra. Mas então seríamos ingleses, nessa altura, já somos um bocado, toda gente fala inglês. Mas agora somos ingleses por conta da América o que não é exactamente a mesma coisa. *And that is the problem*. Nós estamos preocupados com o destino de Portugal, neste momento, com o nosso futuro imediato e estamos tanto mais preocupados porque isso nos acontece – e também é uma coisa triste, o José Gil já reflectiu bastante sobre isso – nós temos muitas qualidades mas temos um defeito fantástico, que é provavelmente o reverso dessas qualidades, vamos para as coisas sem um mínimo de previsão, somos sempre surpreendidos pelo acontecimento. Tudo nos cai em cima. o bem e o mal, com a mesma indiferença, como se houvesse em nós qualquer coisa de islâmico que nos ficou do tempo em que estiveram aqui, 700 anos, o que não é pouco. Agora surpreende-nos imenso o que está a acontecer.

Eu nasci num país pobre, verdadeiramente pobre. A primeira vez que vim a Portugal depois de ter estado lá fora, no princípio dos anos 50 – uns anos antes que 1 milhão de portugueses sem outra saída tenham escolhido ir para essa Europa de que sempre dizemos tão mal antes de lá estar – eu vinha com cunhados franceses, vinha humilhado porque o meu povo, a que pertença, estava ao longo das estradas, quase se metia debaixo dos carros, para nos oferecer as uvas, descalços muitos deles. Esse povo não existe mais. Quando eu estava na Itália, saiu lá um livro meu, alguém comentou – “quando nós éramos pobres e muito...” agora somos ricos.

Não sei se somos ricos mas parecemos ricos, e, como dizia um político, o que parece é. Ninguém que desça à nossa capital, à nossa belíssima capital, uma das mais belas da Europa, pode imaginar que nós estamos nestas aflições, os carros nunca mais acabam, já não há carros velhos, se pudéssemos andar todos de rolls-royce andávamos.

Na verdade a surpresa é que Portugal estava a funcionar normalmente, estávamos numa situação excelente em relação a um passado não muito longínquo e de repente fomos apanhados, não só, nem directamente por culpas nossas, num tsunami de ordem económica, financeira, da nova ordem mundial cujo centro não é a Europa e que é qualquer coisa do domínio do dificilmente pensável. Em todo o caso não sou

capaz de o pensar porque não tenho esse tipo de formação económica. Posso só adivinhar. É como se o mundo que nunca foi tão capaz de resolver tecnicamente a maioria dos seus problemas em todas as ordens, vida, saúde... se confronta agora com os que não se podem resolver e se tornaram mais importantes do que os já resolvidos. A verdade é que o sistema em função do qual a sociedade se gere ou se assume deve ter qualquer coisa que torna este mundo que nós sonhamos, sobretudo depois do século XIX em que a utopia socialista, que seria de facto a forma à qual o mundo, o futuro, devia pretender atingir: uma espécie de sociedade cada vez mais igual e com mais possibilidades de sustentabilidade. De repente há uma espécie de fenómeno quase de mágica, quase de filme, em que esse grande castelo, esse mundo quase mágico, se desagrega ou em todo o caso entra numa espécie de revolução de uma outra ordem, que não é de tipo ideológico mas é uma revolução da maneira de comportamentos que determinam a civilização à qual nós pertencemos e não há outra.

De repente não há piloto a bordo, ou parece que não há, provavelmente há vários que não se entendem, numa luta que só pode ser simbolizada por todas essas ficções que continuam a vender-nos, de gente que se digladiam por nada se não por serem os mestres do mundo, por nada mais, como o bem e o mal de todas as ficções mas desta vez afectando a totalidade dos indivíduos. Portugal aqui como país europeu provavelmente mais frágil do que outros foi apanhado neste tsunami. Quando se pensa no que tem sido o nosso passado, já atravessámos provas, desafios muito mais complexos e sempre conseguimos [sobreviver] a essa espécie de pesadelo momentâneo. Penso que é isso que vai acontecer em Portugal porque embora essa Europa, no sentido político do termo não exista, existe a Europa como continente, em última análise mais racional ou mais racionalizável do que os outros que nós conhecemos, em todo o caso não fica a dever nada por enquanto a nenhum dos outros, inclusive, à América. Penso que apesar de tudo, empiricamente, estamos nessa barca Europa e que essa barca Europa não nos deixará afundar porque provavelmente isso seria o sinal de que ela própria se afundaria mais ou se secundarizaria mais do que já está. Nem quero pensar como seria se, outra vez, deixássemos de ser o continente do Euro para voltarmos a ser nações indigentes e indigentemente subordinadas a uma moeda sobre a qual nós não teríamos nenhuma espécie de *prise*. Eu sou pessimista por natureza mas quando penso que alguém tão pouco existencialista como o nosso ex-presidente Mário Soares empregou a palavra angústia é porque há qualquer coisa que se passa neste país que não é normal e se ele está angustiado aqueles que já têm mais tendência para a angústia, mais angustiosos estarão. É necessária toda essa mitologia nossa de que a providência tem um carinho especial por nós para que nós esperemos que o está acontecendo e o que vai acontecer se transforme num *happy end*. Os *happy ends* não são muito necessários na vida, mas esperemos que [esta crise] se transforme num viver normal e o mais humano e humanizável possível.